

ARQUEOLOGIA DE GÊNERO: TEORIA E FATO ARQUEOLÓGICO

Anne-Marie Pessis

Resumo

O tema tratado é a origem da organização social baseada na desigualdade de gênero, desde uma abordagem arqueológica. As explicações que, desde o século XIX, utilizam argumentos de cunho biológico, serão gradativamente sustiuidas por outras, justificadas como construções sociais. As fontes históricas e proto-históricas que fornecem informações sobre períodos pretéritos utilizam também esses esquemas explicativos baseados na desigualdade de gênero. Os vestígios arqueológicos, como fatos descontextualizados, são explicados no contexto das teorias dominantes.

Os vestígios arqueológicos podem ser contextualizados, também, dentro de quadros teóricos diferentes e com outras abordagens teóricas. Requerem que as explicações de fatos e mitos sejam segregadas das ideologias dominantes nos tempos em que foram registradas na memória social.

Abstract

The focused theme is the origin of social organization based on gender inequality from an archaeological approach. Explanations that since the Nineteenth Century have used biological based arguments will gradually be replaced by others, justified as being social creations. Historical and protohistorical sources furnishing information of ancient periods use these explanatory schemes based on gender inequality.

Archaeological remains, like out of context facts, are explained within the context of dominant theories. Archaeological remains could also be contextualized within different theoretical contexts and with other theoretical approaches. These require that the explanation of facts and myths be unmoored from the dominant ideologies of the times they were engraved in social memory.

São numerosas as pesquisas que, se multiplicaram nas últimas décadas, procurando explicar as origens da desigualdade de gênero na sociedade humana. A dominação masculina, explicada, inicialmente, desde o século XIX, com argumentos analógicos de cunho biológico, experimentou mudanças que acompanharam as transformações das mentalidades na sociedade ocidental.

Atualmente, as explicações propostas para a desigualdade entre os gêneros estão mais claramente apresentadas como uma construção social.¹ Os argumentos sustentados estão mais próximos da organização social do poder, do que do determinismo biológico, originado no dimorfismo sexual e nas especificidades de gênero da função reprodutiva².

As fontes históricas e proto-históricas que fornecem as informações com as quais se constroem explicações sobre as diferentes formas de organização social da espécie humana estão baseadas em relações de desigualdades de gênero. As explicações e os fundamentos dessa desigualdade, se transformarão no devenir do tempo, em função das necessidades de cada comunidade. Escassez ou abundância de recursos alimentares é um parâmetro que incidirá na natureza dos valores partilhados pela sociedade e do grau de permissividade ou restrictividade dos comportamentos sociais.

A arqueologia histórica, ao estudar esses períodos, evidencia vestígios materiais e imateriais, que podem ser indicadores da desigualdade de gênero. Isso acontece porque os conteúdos da história e da proto-história são a referência contextual de valores na qual esses vestígios serão explicados. Mas os vestígios arqueológicos são fatos, independentemente do quadro explicativo em que são inseridos. Fatos descontextualizados culturalmente, daí que sua confiabilidade explicativa dependa, em parte, do grau de sustentabilidade e confiabilidade do quadro teórico em que são utilizados.

Existem também outras explicações, passíveis de vestígios arqueológicos, mostrando que, o esquema da desigualdade de gênero não é uma matriz de comportamento humano de caráter universal. Segundo o tipo de abordagem e fundamentação teórica adotada pela pesquisa, os vestígios arqueológicos podem ser inseridos em quadros explicativos, como elementos que confirmam ou rejeitam um tipo de explicação.

A diversidade cultural se traduzirá em diferentes formas de organização social em função das soluções mais adequadas para a sobrevivência das comunidades humanas. Ela é funcional à

sobrevivência da espécie humana por ser multiplicadora de soluções diferentes e por fazer melhor aproveitamento das capacidades dos membros da comunidade.

Mitos e escritos se referem a esta diversidade de valores em face à desigualdade de gênero, mas se acham acompanhados de comentários que indicam sua funcionalidade aos valores do momento histórico em que aconteceu seu registro.

Os mitos bíblicos do gênesis podem ilustrar essa circunstância. Existem duas versões sobre a criação da mulher.³ Uma primeira, em que a criação de ambos dois sexos teria sido um acontecimento simultâneo. No sexto dia do gênesis, teriam sido criados, simultaneamente, Adão e Lilith, com a mesma matéria: a terra. Mas Lilith exigirá de seu parceiro a manutenção de uma relação de igualdade, provocando uma resistência que a levará a abandonar-lhe e nunca mais retornar. Na segunda versão, própria da cultura mediterrânea judeu-cristã, Eva teria sido criada num segundo momento, a partir de uma costela de Adão. Ela teria sido criada para ser dependente dele, escrava e reprodutora. No contexto dessa versão, que será dominante no universo monoteísta, a figura de Lilith ficará como um símbolo demoníaco, entanto que a reputação de Eva no será muito melhor. Tornar-se-á o símbolo da culpa e da culpabilidade de toda a humanidade. Incitadora de transgressões religiosas, sedutora, estimulando possíveis fraquezas masculinas, Eva deverá ser controlada, freada nas suas iniciativas e privada de conhecimento que possa lhe permitir adotar ações inadequadas, como consequência de suas limitações mentais e emocionais.

Para garantir a continuidade da desigualdade, como substrato dessa construção social, seria preciso que esta fosse aceita a partir de um consenso, através da imposição de certos comportamentos de controle, marcadores ideológicos de forte impacto social. A ideologia viabilizaria a continuidade do modelo de desigualdade de gênero, que deveria ser regularmente atualizada por mecanismos repressivos. A ortodoxia religiosa sob todas suas formas é um exemplo desse proceder manipulador.

Independentemente das modalidades que toma o exercício da desigualdade, o problema que persiste é achar explicações às razões que levam a espécie humana à implantação da regra da desigualdade de gênero, como regra.

Um recurso às vezes utilizado pela etnoarqueologia tem sido levantar hipóteses a partir do conhecimento histórico e proto-histórico sobre populações tecnicamente pouco desenvolvidas.

Este é um recurso que restringe a análise apenas a períodos de cultura escrita. Tanto a documentação histórica quanto as menções sobre a tradição oral, fornecerão registros de fatos apresentados como indicadores da dependência da mulher do poder masculino. Dominância que se traduz, também, como poder gerenciador da mulher em tanto que componente do processo de reprodução e acasalamento.

A desigualdade de gênero, em termos operacionais, parece estruturar-se principalmente em torno da aplicação de dois procedimentos, mecanismos de controle que condicionarão, ideologicamente, essa forma de organização social da espécie humana. São estes os controles da informação técnica, do conhecimento e a solidariedade masculina na apropriação e gestão dessa informação teleonômica.⁴ Pittendrigh, Colin. Perspectives in the study of biological Clocks in, Perspectives in Marine Biology. La Jolla, Scripps Institution of Oceanography, 1958

Pesquisas sobre a evolução do gênero Homo integram dados obtidos de diversas áreas disciplinares, que convergem em explicações cada vez mais fundamentadas. Nas últimas décadas, foram realizadas descobertas esclarecedoras no estudo do comportamento de espécies geneticamente muito próximas à espécie humana.

No processo de hominização, as diferentes mutações acontecem sempre no seio de uma espécie de origem. Não sendo uma exceção, o Homo sapiens se originou a partir de uma espécie antecessora na qual se teria produzido a mutação. Em consequência, a nova espécie se inicia a partir de uma bagagem biológica e cultural herdada dessa espécie ancestral.

As pesquisas etológicas evidenciam a primazia sexual do macho dominante, sem coerção física por gênero, manifesta na preferência que as fêmeas, lhe outorgam no processo de reprodução.

Existem evidências de que, no interior de cada espécie, acham-se diferenças de organização social em função de fatores ambientais. Fatores que pesam na sobrevivência dos grupos. As condições de acesso aos alimentos vão ter influência no grau de restrição ou permissividade da organização de comunidade⁵.

Não se observam indicadores de discriminação no acesso à informação social nem exclusão de gênero. Os membros da comunidade partilham a informação que lhes permite sobreviver individualmente. Esse acesso à informação é teleonômica para o grupo. Mas junto ao acesso igualitário à informação se constata que, no aprendizado, os grupos de primatas estimulam a criatividade desde o início da socialização. Face ao perigo externo, cada um participa da defesa segundo sua capacidade, sua astúcia e sua força.

Com o aparecimento de *Homo sapiens*, esses comportamentos igualitários sofrerão modificações. Entre os atributos da espécie humana a produção de modificações técnicas na matéria prima ocupa um lugar essencial. Esses instrumentos compensarão as carências biológicas de uma nova espécie fragilizada. A falta de garras e dentes de carnívoro e sem recursos de fuga eficiente os coloca em condições de inferioridade em relação ao seu entorno. Os instrumentos de defesa e agressão, assim como técnicas e estratégias de utilização das armas, viabilizarão sua sobrevivência.

Quando as possibilidades de sobrevivência de um grupo são precárias, as capacidades de seus membros se conjugam para resolver esses problemas. A informação é essencial para todos, já que precisam poder identificar os perigos, conhecer técnicas de sobrevivência e defesa, e ser capazes de enfrentar face a situações limite. A vida de cada um é importante para a existência de todos.

Nas sociedades de hoje, que se mantêm tecnicamente pouco desenvolvidas, como o caso dos Krahó, no Brasil, o acesso ao conhecimento para sobreviver na floresta é igual para todos. Sem diferenciação de gênero.

A arqueologia pré-histórica fornece informações sobre os padrões comportamentais das primeiras populações humanas. O escasso desenvolvimento técnico e o instrumental rudimentar disponível para sua defesa, determinaram a necessidade de conservar um alto grau de coesão e solidariedade grupal. Quanto mais o grupo participava da informação, maiores eram as possibilidades de vida da comunidade. O grupo precisava se comportar como uma *gestalt* para sobreviver e manter um equilíbrio social adequado à situação. Nesse contexto qualquer regra de desigualdade arbitrária que não respondesse a uma funcionalidade grupal, redundaria em prejuízo para o grupo.

A pesquisa arqueológica permite evidenciar que em esta primeira etapa da organização social, os grupos humanos pré-históricos eram pequenos grupos. Os vestígios da cultura material estão dispostos em estruturas espaciais que sugerem grupos de uns cinquenta indivíduos. Comunidades desse porte tinham condições de reagir rapidamente frente ao perigo. A procura de novos nichos ecológicos com melhores possibilidades de recursos alimentares deve ter condicionado a cadência de deslocamentos. Mas esses périplos envolviam consideráveis riscos. O encontro com outros grupos humanos e com espécies carnívoras de grande porte, podia acarretar riscos frente à eficiência limitada dos instrumentos defensivos. A força física era importante, mas o era ainda mais a astúcia das estratégias de defesa. Como nas outras espécies de primatas não humanos, os indivíduos mais fortes, homens e mulheres, rodeavam aos que fisicamente eram mais frágeis, e se articulavam segundo as orientações do mais forte e apto para garantir a sobrevivência. A liderança devia necessariamente ser assumida pelo indivíduo mais apto para uma defesa bem sucedida em cada circunstância.

Descobertas arqueológicas e etno-arqueológicas sugerem que o comportamento agressivo é inerente à espécie humana. Agressividade e violência eram necessárias para uma subsistência bem sucedida.⁶ Nas pinturas rupestres pré-históricas são numerosos os exemplos de figuras humanas caçando com armas, propulsores e arcos, representações de combates coletivos e modalidades de agressão entre duas figuras humanas. Nas escavações foram achados, corpos que tinham sido mutilados e a presença de ossos humanos fraturados entre os restos de alimentos que sugere a prática do canibalismo.⁷

No entanto, desde os primórdios da existência da espécie humana, a primeira etapa da vida é a da maior fragilidade. O *Homo sapiens* nasce desprovido de iniciativa para contribuir a sua própria sobrevivência. As outras espécies de primatas, desde seu nascimento se aferram com mãos e pés aos pelos da mãe. A criança humana, apenas nos primeiro dias, reage com um reflexo preensor, quando se estimula a planta de seu pé, mas essa reação, totalmente normal nos primatas, desaparece rapidamente. Em face à fragilidade da criança humana ao nascer, o grupo deverá dar um maior suporte e cuidado para favorecer a sobrevivência. O aleitamento exigirá da mulher uma solicitação especializada, mas não excludente de outras atividades como o aprendizado dos procedimentos técnicos da comunidade, incluindo a defesa e o ataque.

As pesquisas sobre comportamento dos primatas indicam que não existem evidências de especialização por gênero, nas tarefas da procura de alimento. Os dados arqueológicos e etnográficos indicam que

a alimentação, nos inícios da sociedade humana, estava baseada na coleta e na caça de insetos e espécies de pequeno porte.

A partir de uma modalidade inicial de vida estruturada em torno de périplos semi-nômades, vinculados com a caça e a coleta sazonal, ocorrerão transformações das comunidades humanas com uma diversidade gerada por as pressões contextuais e as construções culturais e técnicas. Essas mudanças irão no sentido de incrementar as possibilidades de sobrevivência.

A violência exógena será mais controlada pelas comunidades, através da planificação das defesas.

O incremento da população e dos tempos de permanência em territórios levará a novas formas de organização social e de produção agrícola. A sedentarização criará novos valores e interesses, além da simples sobrevivência. O uso dos territórios passará a ser defendido e as técnicas de conservação de alimentos permitirão sua acumulação. Armazenar alimento é acumular possibilidades de sobrevivência e de poder. A violência será, portanto orientada a preservar territórios e bens. Dessa transformação surgirá a necessidade de mão de obra geradora de riqueza, mão de obra humana, mão de obra como bem de troca e venda. O trabalho escravo se tornará um produto da violência, de enfrentamentos e de derrotas.

Nesse contexto, na nova organização social estruturada em torno do trabalho, ambos os gêneros trabalharão, mas a mulher acumulará as responsabilidades da maternidade produtora de filhos como riqueza e as do trabalho agrícola junto com os homens.

Nesse processo, a inovação técnica irá formando um acervo de conhecimentos especializados destinados aos homens, ao qual as mulheres não terão acesso. A apropriação masculina do conhecimento será solidariamente defendida por eles. Esse estereótipo de exclusão feminina do conhecimento, constituirá uma estrutura conservadora em torno da qual se organizará a maior parte das sociedades históricas. Existirá trabalho de homem e tarefas de mulher. Para elas, as tarefas de caráter agrícola ou doméstico, pela simplicidade dos procedimentos, não vão requerer maior informação técnica. Assim, especialização de atividades entre os gêneros dará origem à desigualdade e se abrirá uma profunda brecha informativa entre ambos. Fica evidente que na história dos gêneros, em todas as classes sociais as mulheres serão excluídas da informação técnica.

A origem dessa desigualdade responde a formas de organização teleonómicas que, originalmente, na história evolutiva de nossa espécie, permitia a sobrevivência do grupo. Quando essa funcionalidade é superada, quando a divisão do trabalho por gênero já não responde a uma necessidade real, a ideologia masculina será dominantemente imposta para garantir a continuidade das estruturas de poder.

Este esquema explicativo sustentado em elementos históricos e proto-históricos, particularmente ilustrado nas sociedades neolíticas mediterrâneas, não é, como foi indicado, necessariamente válido na sociedade humana de épocas pré-históricas. Os pesquisadores têm uma tendência a utilizar esse esquema como referência explicativa, projetada a um tempo muito distante, de aquele das primeiras referências históricas.

Na arqueologia pré-histórica, para segregar indicadores vinculados ao problema da desigualdade de gênero, é preciso tornar operacional alguns dos conceitos formulados. Assim, os indicadores da desigualdade estreitamente ligados ao conceito de poder, deverão ser formulados em um contexto diferente. A desigualdade que implica o poder em face aos outros precisa ser considerada, em termos teleonómicos, em relação ao fenômeno da sobrevivência. A acumulação de possibilidades de sobrevivência se traduz em possibilidade de usufruir da energia dos outros, do trabalho e da vida dos outros, sob ameaça de despossuir-os dela ou de exercer sobre eles a violência da dor e da tortura.

A desigualdade, também, se manifesta no plano da apresentação. As desigualdades de gênero aparecem quando as diferenças de apresentação encontram-se associadas, explicitamente, ao sexo.

Entre outras espécies, o macho dominante apresenta seus atributos e cores naturais para simbolizar sua supremacia. As cores fortes e os ornamentos naturais de maior porte são a promessa de uma prole que terá maiores possibilidades de sobreviver. As fêmeas que escolhem seus parceiros, procurarão os mais confiáveis, os que apresentam maior congruência entre os indicadores de supremacia. As fêmeas não precisam desses atributos simbólicos de ornamentação, por serem elas as que escolhem os parceiros.

Existe, entre os machos, a necessidade de apresentar sua força, sua superioridade teleonômica para serem escolhidos. Ser mais forte é também ser mais apto para viver. Socialmente gera um contrato de intercâmbio de bens, de deixar os outros viver, de liderá-los em troca da entrega de suas vidas, das suas energias e do seu trabalho.

A espécie humana, para sobreviver, copiará das outras e melhorará seus produtos. Utilizará instrumentos para potencializar sua força física, utilizará meios para se ornar a partir da pintura corporal, da vestimenta e do direito de usar de objetos únicos, elementos que se tornarão símbolos de diferença e de identidade. Quando esses elementos se distribuem desigualmente por sexo, aparecem indicadores de desigualdades. A ornamentação corporal, a vestimenta e os objetos únicos, produto de tecnologia capaz de produzir a obra mestra, podem ser indicadores a serem considerados na análise de vestígios arqueológicos. Esses elementos aparecerão em acontecimentos tais como a morte e os registros rupestres, pintados ou gravados (marcadores mnemotécnicos da história oral), que permitem passar de geração em geração os testemunhos das hierarquias, das diferenças ou das desigualdades.

Nos registros gráficos dos sítios arqueológicos do Parque Nacional Serra da Capivara, no Brasil, os pesquisadores dispõem de um numeroso corpus de figuras. As pinturas que fazem parte da tradição Nordeste foram realizadas durante milênios, foram, portanto objeto de transformações, embora conservando as características básicas da classe inicial. Utilizando apenas os parâmetros básicos dessa tradição, é possível fazer algumas observações, sobre a inexistência de desigualdade de gênero.

Esses indicadores são símbolos que se manifestam por diferenças de apresentação. Diferenças que podem ser simples ou complexas. Entende-se por simples, aquela diferença que se contrasta num conjunto de figuras homogêneas: todas as figuras são iguais excetuando uma que é portadora de traço diferente. No caso da diferença complexa, não são necessárias figuras homogêneas para salientar as diferenças. Cada figura possui seus traços diferenciadores configurando conjuntos de figuras diferentes

No Sítio do Salitre, localizado na área de entorno do Parque Nacional Serra da Capivara pode-se observar a existência de um friso policrômico de figuras humanas dispostas mantendo um espaço de separação constante entre elas. (foto 01) Todas as figuras são diferentes, seja nas cores, na ornamentação e nos detalhes que são salientados. Trata-se de um caso típico de diferenciação complexa.



Foto 01 - Toca do Salitre

Observando as identidades, é possível observar-se que, no corpus gráfico considerado, existe uma identidade sexual com características típicas. Há três tipos de traços identificação: a) figuras portadoras da representação do falo; b) figuras portadoras da representação da vagina exteriorizada e finalmente, as figuras que não apresentam qualquer indicador de gênero e que são o tipo dominante no conjunto da tradição Nordeste de pinturas rupestres.(Foto 02)

Esses tipos devem ser considerados no contexto de um sistema de comunicação gráfica em que, cada um dos componentes do sistema, cumpre uma função específica na transmissão da mensagem. A inexistência da desigualdade de gênero se manifestaria no fato de que, as figuras sem indicador sexual, aparecem em todas as temáticas, sejam de guerra, lúdicas, ou de caça ou naquelas composições em que estão representadas figuras adultas associadas a crianças. As figuras sem representação de sexo são apenas figuras humanas em que o diferenciador sexual não agrega informação. O sexo feminino aparece apenas presente na cópula ou associado ao processo de gravidez.

Foto 02- Toca do Nilson do Boqueirão da Pedra Solta



Nas cenas de luta grupais ou de caça, atividades associadas aos homens nas comunidades organizadas, na base da desigualdade de sexo, aparecem numerosas figuras sem diferenciador sexual. São elementos que podem sugerir sociedades em que não existe a divisão sexual do trabalho. Homens e mulheres participariam de todas as atividades segundo suas capacidades e suas aptidões. Assim nas cenas de luta, "elas vestiriam os mesmos atributos culturais que as figuras masculinas e participariam ativamente da caça maior e da luta armada, da mesma maneira que os homens."⁸

Isto não exclui que existam atividades rituais diferenciadas por sexo. O rito de iniciação é uma delas. Na tradição Nordeste existem representações de cenas em torno de árvores, às vezes identificadas como a jurema, da família *Pithecolobium tortum*, em que todas as figuras que participam do rito são representadas com seu falo, às vezes, portando um tapa-sexo ritual, (foto 03). Uma das figuras, representada com uma gestualidade diferente ao

conjunto de dez figuras com sexo masculino, aparece sem diferenciação sexual. Referências etnográficas do Nordeste do Brasil mencionam esse rito e salientam que apenas os iniciados participam dele. A exclusividade ritual é também própria das jovens mulheres que devem ser também submetidas a ritos de iniciação. Os homens são igualmente excluídos desses eventos. A exclusão é igual para homens e para mulheres, mas não supõe uma desigualdade de gênero.

Considerando a ornamentação na vestimenta, nas pinturas da tradição Nordeste é possível constatar que nos períodos mais arcaicos da Tradição, as figuras diferenciadas pela vestimenta são principalmente

de dois tipos, aquele em a figura está totalmente coberta por uma máscara ornada de um cocar, e aquele em que a figura antropomórfica leva somente um cocar. Em ambos os casos aparecem figuras com a diferenciação sexual masculina e sem diferenciação sexual. (fotos 04) ⁹



Foto 03 - Toca da Extrema II

Em face ao fenômeno da morte, as escavações arqueológicas realizadas na região Nordeste do país, permitiram descobrir que existe uma importante diversidade no tratamento outorgado ao corpo depois da morte¹⁰. Em enterramentos de períodos anteriores há 7.000 anos observa-se a utilização diversos procedimentos, primários e secundários. A presença de corantes, fogueiras, adornos e pedras associadas é uma constante. Mas os enterramentos primários são os mais antigos achados no Parque nacional Serra da Capivara e na área arqueológica do Seridó.

No sítio da Toca dos Coqueiros, localizado no Parque Nacional Serra da Capivara se registra um enterramento primário individual realizado em cova que foi datado em 9.870 anos BP. O esqueleto



Foto 04 - Toca da Entrada do Baixão da Vaca

colocado em posição fetal, decúbito lateral, estava recoberto de uma espessa camada de cinza e duas pontas de flecha. Os ossos largos apresentavam um tamanho superior à média o que associados à presença das pontas de flecha como parte do enxoval mortuário, levou os pesquisadores a levantar a hipótese de que se trataria de um indivíduo de sexo masculino. Os estudos e análises posteriores confirmaram que se tratava de um indivíduo do sexo feminino.¹¹

Esse acontecimento ilustra a influência de certos a priori, de caráter ideológico na formulação das hipóteses. A radicalização de opostos, forte e armado versus frágil e desprotegido, são estereótipos que levam a buscar a confirmação de hipóteses, condicionadas pela persistência de explicações válidas em períodos históricos e proto-históricos. São esquemas explicativos, em face dos quais é preciso que as pesquisas sejam vigilantes e críticas. Hierarquia e poder são dois conceitos que para os períodos recuados da pré-história devem ser reformulados em termos teleonômicos. As exigências da sobrevivência não permitem os erros que pode acarretar uma ideologia da hierarquia e do poder, que não corresponda às expectativas do grupo. Sobrevivência significa a sobrevivência do grupo. Os símbolos de hierarquia e poder são atributo dos mais preparados para garantir a continuidade do grupo. Não são símbolos ideológicos, são os símbolos de um compromisso social. O herói da pré-história está mais exposto que o herói grego, suas chances de sobrevivência são inferiores. Se sua liderança não corresponde às expectativas não é apenas ele que terá morte prematura, mas o grupo como um todo. Sem grupo não tem hierarquia, nem poder, nem desigualdade.

Bibliografia

- ALPHABET DE BEN SIRAH, texto anônimo do século XI. Numa passagem do livro kabbalistico se introduz a lenda de Lilith, a primeira mulher de Adão.
- BEAUVOIR, Simone, *Le deuxième sexe*. 1976
- BOURDIEU, Pierre. *La domination masculine*. Paris, Editions du Seuil, 1998.
- COHEN, Claudine. *La femme dès origines*. Paris, Belin-Herschel, 2003
- GUIDON, Niède; PARENTI, Fabio e ali. Nota sobre a sepultura da Toca dos Coqueiros, Parque Nacional Serra da Capibara, Brasil in *CLIO Série arqueológica* no. 13 Recife. UFPE, 1998.
- HAECKEL, Ernest. *Histoire de la création des êtres organisés d'après les lois naturelles*. 1874.
- MARTIN, Gabriela. Os rituais funerários na pré-história do Nordeste. *Clio série arqueológica*. no. 10, Recife, UFPE, 1994.
- PESSIS, Anne-Marie; Martin, Gabriela. Das origens pré-históricas da desigualdade de gênero, in *Marcadas a Ferro*, Castillo-Martin, Marcia Oliveira, Suely de (Org.) Brasília, Secretaria Especial de políticas para as mulheres, 2005.
- PESSIS, Anne-Marie. *Imagens da pré-história: Parque Nacional Serra da Capivara*. São Paulo, Fumdamh/Petrobras, 2003.
- PITTENDRIGH, Colin. *Perspectives in the study of biological Clocks in, Perspectives in Marine Biology*. La Jolla, Scripps Institution of Oceanography, 1958.
- SILVA, Daniela Cisneiros. *Práticas funerárias na pré-história do Nordeste do Brasil*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. 2004.
- TORRES, Ana Catarina P. O sítio pré-histórico rupestre Pedra do Alexandre em Carnaúba dos Dantas, RN: estudo dos pigmentos. Dissertação de mestrado Universidade Federal de Pernambuco. 1995.
- WILSON, Edward O. *Sociobiology: the new synthesis*, Harvard University Press, 1975.

Notas

¹ Bourdieu, Pierre. *La domination masculine*. Paris, Editions du Seuil, 1998

² Pessis, A.M; Martin, G. Das origens pré-históricas da desigualdade de gênero, in *Marcadas a Ferro*, Brasília, Secretaria Especial de políticas para as mulheres, 2005

³ Alphabeth of Bem Sirah (Anônimo) Texto aparecido entre os séculos 8 e 10, d.C

⁴ Pittendrigh, Colin. *Perspectives in the study of biological Clocks in, Perspectives in Marine Biology*. La Jolla, Scripps Institution of Oceanography, 1958

- Teleonomia, análise da adaptação favorável à conservação da espécie através de comportamentos tipo, estruturas ou funções cuja existência num organismo deve-se às vantagens seletivas por elas proporcionadas.
- ⁵ Michel Tomasello The question of Chimpazée Culture in Richard Wrangham et alli (editors) Chimpanzee Culture. First Harvard University Press, 1996
- ⁶ Leroi-Gourhan, André. Le geste et la parole II: La mémoire et les rythmes, Paris, Albin Michel, 1965
- ⁷ Guilaine, Jean, El camino de la guerra: La Violencia en la prehistoria. Barcelona, Ariel, 2002
- ⁸ Pessis, Anne-Marie. Imagens da pré-história: Parque Nacional Serra da Capivara. São Paulo, Fumdamh/Petrobras, 2003 p. 117
- ⁹ ibid. 79
- ¹⁰ Silva, Daniela Cisneiros. Práticas funerárias na pré-história do Nordeste do Brasil. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. 2004
- ¹¹ Lessa, Andréa; Guidon, Niéde. Osteobiographic Analysis of Skeleton I, Sítio Toca dos Coqueiros, Serra da Capivara National Park, Brazil, 11,060 BP: First Results American Journal of Phisical Anthropology 118:99-110 (2002)